

# TEOLOGIA INSPIRADORA NA FORMATAÇÃO DOS ESPAÇOS E FORMAS SACRAS

+ Dom Orlando Santos de Oliveira  
Bispo da Diocese Meridional da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

## 1. INTRODUÇÃO :LITURGIA E ESPAÇO SAGRADO

*“Esta Igreja foi construída por vós, mas antes vós sois Igreja” (S. Agostinho, Sermões,359,PL 39)*

### **Liturgia**

Liturgia é rezar o que nós cremos. Nós rezamos a nossa fé. (Lex Orandi, Lex Credendi). A Liturgia é o culto e a adoração da Igreja e sua expressão comunitária de louvor e de ação de graças a Deus. Na sua adoração comunitária, na sua assembléia litúrgica, é o momento na vida comunitária em que a Igreja expressa a sua natureza; aquilo que teólogo J.J. Von Allmen afirma ser a “Epifania da Igreja” ( O Culto Cristão, ASTE, São Paulo, 1969). Ela mostra a sua cara. Mostra como ela é. A intenção de toda a liturgia e adoração da Igreja é a de anunciar os atos redentores de Deus em Cristo, o poder salvador de Deus e fazer deste poder uma realidade nos corações e na vida das pessoas que participam dela.

A Liturgia é Deus atuando na história. É o Espírito Santo cantando uma canção de glória ao Pai, por meio do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja. Por isso sempre iniciamos a nossa celebração com o sinal da cruz: em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Remédio contra o nosso individualismo.

A Liturgia é o Povo de Deus reunido em assembléia, (*Qahal* Yaveh– em hebraico; “*Ekklesia Tou Theou*”- em grego, que quer dizer “*assembléia de Deus*”, que veio dar no nosso termo “*Ecclesia*”=IGREJA).

A Liturgia é o povo de Deus consciente dos seus pecados e erguendo a Deus o seu clamor. Ele é ouvido por Deus.

A Liturgia é Deus se fazendo alimento para saciar a nossa fome infinita.

A Liturgia é passagem. É Páscoa. É a celebração semanal da Ressurreição.

O termo liturgia é formado pela junção de duas palavras gregas: Laós = povo, daí vem o termo leigo; e pela palavra Ergon = trabalho, ação. Leitorguia= ação do povo, ação em favor do povo. Daí podemos dizer que isto é, à reunião, à assembléia. Não existe Liturgia sem a Igreja reunida.

Liturgia é *CELEBRE+AÇÃO* (Celebração) de Deus em favor do seu povo. Liturgia é celebração. Comemorar, tornar célebre. Fazemos festa. Ficamos felizes. Convidamos amigos para participar da nossa alegria. A Liturgia é tornar célebre o nosso nascimento como povo salvo. Cristo por sua vida, paixão, morte e ressurreição nos resgatou para Deus. Isto merece ser celebrado e comemorado. Fazemos memória deste acontecimento. A palavra grega para isso chama-se “*Anamnesis*”, que quer dizer memória, lembrar. Mas não uma lembrança qualquer longe no passado, mas uma memória que faz presente o acontecimento.

A Liturgia é o memorial do mistério pascal de Cristo celebrado na Igreja. Ela foi um mandato de Cristo “Fazei isto em memória”. Ele não disse “digam”, mas “fazei isso”; a liturgia antes de tudo é ação.

Na ação litúrgica pregamos, mas não é aula. Conversamos, mas não é colóquio e sim diálogo. Cantamos, mas não é concerto. Encenamos, mas não é uma peça teatral. Movemo-nos, mas não é um balé. Oramos publicamente, mas não se trata de uma mera reza.

A Liturgia é fonte de via e santidade. “A Glória de Deus é que o ser humano viva”. Ela é celebração da fé e da vida da comunidade. Glorifica a Deus e santifica a comunidade.

Um teólogo e liturgista anglicano chamado Louis Weill, co-autor de um livro chamado “*Liturgia para Viver*” (Liturgy for Living, Seabury Press, Nova Iorque, 1979) no contexto de uma discussão do ato litúrgico autêntico sintetiza os temas fundamentais para um bom desenvolvimento da Liturgia:

1. A Liturgia é uma ação de um corpo social reunido em assembléia de gente. É um corpo de pessoas (*Ecclesia*).
2. A Liturgia envolve as pessoas na sua totalidade; não é simplesmente uma atividade mental, espiritual de palavras ou idéias (intelectual), mas tem de envolver todo o corpo e os sentidos.
3. A Liturgia é uma oração ritual: o tempo, o lugar, o espaço e os objetos não são meramente embelezamento, mas sim parte integral da oração.
4. A Liturgia não é uma coleção arbitrária de umas partes; deve ser experimentada e considerada como uma totalidade.

O Culto Cristão está estreitamente ligado com a existência da Igreja. A liturgia nasceu com a Igreja. Isto significa que a liturgia e a adoração da Igreja têm sua história, assim como a Igreja é histórica. Esta afirmação tem duas implicações:

Somos herdeiro de uma determinada tradição. A história da Igreja, neste tempo tem sido uma história da recuperação das liturgias da igreja dos primeiros séculos e sua aplicação ao seu tempo.

As formas litúrgicas têm o seu tempo. Elas expressam o louvor a Deus, do povo de uma época, e falaram a homens e mulheres daquele tempo. Assim cabe a cada nova geração fazer uma revisão da liturgia, baseada nas tradições vivas históricas, teológicas e devocionais de toda a Igreja Cristã, no tempo e no espaço.

Somos uma comunidade que se reúne em torno do Cristo crucificado e ressurreto.

Nossa assembléia litúrgica nos domingos é a abertura de um espaço em nossa agenda semanal, em sinal de que os mistérios de Deus têm prioridade na Igreja e colocam a vida e a missão da mesma na perspectiva sempre renovada e em sinal de nossa dependência da bondade de Deus.

### **Espaço Sagrado**

Não carece estendermos a nossa reflexão sobre a Liturgia, pois é tema que encontramos em nossos seminários e na instrução catequética da Igreja. Que não é o mesmo a respeito do espaço litúrgico. Iremos tratar o tema de modo mais amplo, não entraremos em detalhes, como por exemplo, em considerações teológicas mais extensas sobre os diferentes elementos que compõe este espaço, que seriam altar, atril (ou ambão), cadeira presidencial, pia batismal, a nave (espaço da assembléia do povo), sacrário, as velas, o Livro do Altar, a cruz, etc. Mas não se pode dispensar um recurso à história, particularmente a Bíblia e as origens do cristianismo, onde vamos encontrar as águas mais profundas da teologia litúrgica.

Nas Sagradas Escrituras, vamos encontrar várias passagens nas quais a manifestação de Deus, o “Transcendente”, o “Sagrado” vem relacionado com um espaço determinado. Por exemplo, em Gênesis 28.10-19 (**sonho de Jacó** – Bet-El que significa Casa de Deus); Êxodo 3.1-7ss – (Moisés e a sarça ardente) – Tire as sandálias porque este chão é sagrado; 1º Reis 19.9-15ss (**Elias na Montanha de Horebe**, onde o Senhor passou no murmúrio de uma suave brisa); S. Lucas 1.26-28ss (**Maria** – o Anjo entrou “onde ela estava”... Eis que conceberás e darás á luz um filho); Apocalipse 21.1-7 (**A Nova Jerusalém** – Eis que faço novas todas as coisas); **Abraão constrói um altar em Betel** -Gênesis 12.6-9; **Moisés e o povo de Israel** encontram Deus no Monte Horebe, onde recebem as tábuas da Lei e celebram a Aliança (Êxodo 3.1-22; 19.1-25; **Durante a**

**caminhada de 40 anos no deserto, a “Tenda da Reunião”**, com o “santo dos santos” e a “arca da aliança”, é o lugar da manifestação do Senhor e do encontro do seu povo (Êxodo 33.7; 40.1-15, 34-38); Mais tarde o **templo em Jerusalém** se torna a “casa” para o Senhor morar (apesar da resistência dos profetas); 2º Samuel 7.1-17; 1º Reis 8 (principalmente os vv 1-13, 26-40).

O que nos chama atenção nestas e noutras tantas passagens é a correlação entre o “fora” e o “dentro”: o espaço físico é como uma expressão de um acontecimento interior, profundo, marcante, no coração da pessoa que se depara com o “mistério”, no qual descobre o sentido profundo de sua vida e missão, e a partir do qual é levada a tomar decisões que traçam ou modificam definitivamente o seu rumo da existência.

Como acontece hoje este “mistério”, o “transcendente”, o “sagrado”, “Deus” e onde encontrá-lo em nosso mundo pós-moderno? A procura e as ofertas são muito grandes; já se fala no super-mercado do sagrado. Mas... o que satisfaz realmente? O que é consistente, verdadeiro... e o que é superficial, fictício, falso incapaz de levar a plenitude e à paz? São questões que se colocam, especialmente quando nos reunimos para falar sobre “mistagogia” e “arquitetura”. Ou seja, ajudar e tentar conduzir as pessoas ao mistério, ou ainda à ação pela qual o mistério nos conduz. Para isso é necessário passar da materialidade do rito, dos seus sinais sensíveis para o seu sentido simbólico, de “fora” para “dentro”.

A tradição cristã considera que o mistério, o sagrado, o transcendente, Deus, se manifestou na pessoa de Jesus Cristo, principalmente na sua entrega total até a sua morte e ressurreição. Seu corpo ressuscitado espiritual (cheio do Espírito) é o **lugar** do encontro com Deus e este corpo espiritual se manifesta na **comunidade dos fiéis** (Ecclesia), principalmente nas ações litúrgicas, vividas como “**memorial**” de sua vida, morte e ressurreição. Sempre existe o perigo de entender a liturgia como um acontecimento “automático”, algo que acontece na “exterioridade”, “fora” de nós. Na verdade é preciso “subjeter” a objetividade da liturgia, entrar pessoalmente no mistério celebrado. Este é o sentido de **participar**. A ação litúrgica e ritual existe para ativar em nós e aprofundar nossa comunhão pessoal, interior, espiritual com Jesus Cristo e com o Pai no Espírito Santo. O mistério celebrado deve nos levar cada vez mais profundamente à experiência do mistério “escondido” no “coração” da nossa realidade pessoal e social e, a partir daí, nos levar à missão, ao seguimento. Sem esta ligação “fora/dentro” a liturgia se reduz a mero formalismo (ritualismo). Devemos redescobrir a “mistagogia”. Relacionar a ação litúrgica com o mistério presente em nossa vida. E isto envolve **coração, corpo e mente**.

E, vindo para o nosso tema, a “mistagogia” é desafio também para todos envolvidos com o **espaço litúrgico**: as comunidades cristãs e seus ministérios, arquitetos, engenheiros, construtores, artistas, comissões de arquitetura e arte eclesial e de Liturgia. Todos devem trabalhar o espaço litúrgico como expressão do mistério cristão e como suscitador, provocador, introdutor de experiência deste mistério.

Temos a necessidade da experiência teológica do mistério antes de pensar em criar, organizar, embelezar ou ocupar o espaço litúrgico. Ninguém pode expressar a fé e o mistério senão o experimentou ainda. Cada vez se impõe colocar a técnica e arte a serviço da espiritualidade, a serviço da experiência do mistério celebrado em nossas ações litúrgicas. O espaço litúrgico como um todo e cada um dos seus componentes têm uma finalidade litúrgica ritual (o templo, o altar, o atril (ambão), ao pia batismal, a cruz, as estalas e cadeira do celebrante e oficiante, a nave, a credência, o livro do altar, as velas, os sinos, o sacário, etc.). Sempre que possível o espaço litúrgico deve falar por si, não de um “sagrado” qualquer, mas do sagrado “cristão”. Faz-se urgente na catequese para Confirmação (Crisma) educar as pessoas sobre o espaço litúrgico, não somente

explicando, mas levando a experiência espiritual. Uma boa idéia seria no aniversário da construção do templo levar a comunidade a refletir e reaprender a ver e prestar a atenção no espaço litúrgico e seu significado teológico e litúrgico.

Assim podemos ver que o espaço celebrativo é um todo que exerce uma influência maior do que se crê sobre o comportamento humano. Criado e definido pelo ser humano acaba por envolvê-lo e condicioná-lo com suas próprias características.

A celebração não pode subtrair-se desta realidade. A fé de uma comunidade, o nível de participação de uma assembléia litúrgica está de alguma maneira, influenciados pelo marco no qual se desenrola a celebração. Não é exatamente a mesma coisa uma Catedral que uma igreja de bairro, uma capelinha rural que uma praça ao ar livre, ou a sala de um lar, como espaço para a celebração.

Cada um desses lugares, embora tenham em comum, serem destinados ao culto, possuem características especiais e dimensões próprias que obedecem a um estilo, a um gosto artístico, a uma maneira de conceber o espaço que não deixa de criar condicionamentos diferentes em cada caso.

O espaço litúrgico de uma comunidade é na realidade, um conjunto de diferentes espaços que forma o ambiente litúrgico total. Quando falamos dos espaços onde a liturgia é celebrada, se refere ao lugar e tudo o que esse lugar contém: arte, arquitetura e todos os demais objetos e elementos que se encontram, ao redor, fora ou dentro do edifício. Falamos do ambiente. Na liturgia a arte tem um lugar privilegiado, por sua capacidade de mostrar e abrir o significado das palavras de forma mais ampla à compreensão. O espaço litúrgico deve levar a comunidade a uma participação verdadeira nas celebrações litúrgicas, ou seja, que conduza a uma experiência de aliança (pessoal e comunitária) e de comunhão com e no Mistério celebrado, representado na centralidade do Altar e da Mesa da Palavra, na Cadeira Presidencial e pela disposição da Assembléia como Povo de Deus irmanado e formando um Corpo em torno (e não apenas diante) do Mistério. A funcionalidade mostra-se carregada de um profundo caráter mistagógico. E participação significa viver uma profunda experiência de aliança (pessoal e comunitária) e de comunhão com o Mistério celebrado, decorrente, por direito, do Santo Batismo.

## 2. A COMUNIDADE SE REUNE NUM LUGAR

### “Ecclesia Domestica”

Os cristãos no início, reuniam-se nas casas de família (cf. Atos 2.42-47;20.7-12) como Jesus havia feito na sua última ceia, antes da sua morte, o cenáculo, no primeiro andar de uma casa (cf. S. Lucas 22.7-13). Era a “**Ecclesia Domestica**”. Enquanto os pagãos enchiam as praças e as ruas de pequenos templos e os judeus afluíam ao Templo em Jerusalém, os cristãos discretamente faziam seu culto em suas casas. As Santas Escrituras nos deixaram testemunhos disso. “Partiram o pão de casa em casa” (Atos 2.46). “Na casa de Maria, mãe de Marcos em Jerusalém” (Atos 12.12.). “Do discípulo Ninfa em Laodicéia” (Colossenses 4.15). “De Filemon, em Colossos” (Filemon 2). “De Lídia” (Atos 16.11-16). Essa expressão Ecclesia Domestica, é tomada de São Paulo: “Áquila e Priscila vos saúdam como a Assembléia (Ecclesia) que se reúne em casa deles”. (1ª Coríntios 16.19)

Na época em que foram perseguidos pelo Império Romano, os cristãos celebravam escondidos nas catacumbas; os túmulos dos mártires serviam de altar. Porém não podemos esquecer que para Jesus o Templo, em Jerusalém era lugar privilegiado de encontro com Deus, seu Pai. Era a casa de seu Pai (Lucas 2.49) e a casa de oração ((Marcos 11.17) Era também, um lugar de ensinamento de Jesus e dos apóstolos (Marcos 14.49; Lucas 21.37 ss). Os primeiros cristãos mostravam-se assíduos no templo (Atos 2.46). No entanto, o encontro mais íntimo com o Senhor

ressuscitado na “fração do pão”, eles não celebravam no templo, mas “partiam o pão pelas casas” (Atos 2.46).

Assim se nota, desde os inícios da comunidade cristã de Jerusalém, certo distanciamento do templo. Distanciamento esse que leva a substituição do templo em Jerusalém por um novo templo. Como Jesus mesmo havia anunciado por ocasião da purificação do templo de Jerusalém, quando disse: “destruí este templo, e em três dias eu o levantarei” (João 2.19). “Mas ele falava do templo do seu corpo”, observa logo o evangelista São João (2.21). Portanto, o novo templo é Jesus mesmo, o Senhor ressuscitado sentado à direita do Pai, no qual “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossenses 2.9). Já que Jesus Cristo é cabeça do seu corpo místico do qual todos os batizados são membros São Paulo escrevendo aos cristãos de Corinto diz: “não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1ª Coríntios 3.16). Nós é que somos o templo do Deus vivo como disse o próprio Deus: “em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (2ª Coríntios 6.16). A imagem do templo construído com pedras vivas, que são os batizados, tendo como a pedra angular Jesus Cristo (Efésios 2.20-22).

Portanto, o corpo místico de Cristo que é a Igreja é o novo e verdadeiro templo, lugar do encontro com Deus, de reconciliação, de comunhão e adoração. Assim é compreensível que os cristãos dos dois primeiros séculos não pensavam em construir templos para suas reuniões. Por isso usavam suas próprias casas. Batizavam nos riachos.

### **“Domus Ecclesiae”**

No final do IIº século e início do IIIº séculos as comunidades eclesiais tinham crescido muito em número e extensão começaram a usar salas amplas de casas grandes de alguns deles mais abastados, para ouvir a Palavra de Deus e celebrar a Ceia do Senhor. Eram prédios mais funcionais e grandes, apesar de simples casas (*domus simplex*) e com salas específicas adaptadas para o Batismo, para a catequese e para a Santa Ceia. Como exemplo dessa realidade temos o testemunho arqueológico da “*Domus Ecclesiae Duros Europos*” (Casa da Igreja em Duros Europa). A palavra “*Duros*” significa fortaleza em babilônico e “*Europos*” foi o local do nascimento de Seleuco Nicator à quem é atribuída a sua fundação. Pequena cidade construída em cerca de 300, aC, no Século IIIº, às margens do rio Eufrates, na atual Síria, entre Alepo e Bagdá, pelos Seleucidas como uma espécie de fortaleza. Foi abandonada cerca de 255-257 d.C. Foi sinagoga por um tempo e posteriormente foi usada como uma igreja em mais ou 235 d.C. Ali foi encontrada as ruínas da igreja mais antiga de que se tem notícia. Elas mostram espaços distribuídos segundo o uso pastoral para Batismo, Catequese e Eucaristia. A cidade foi tomada pelos romanos e anexada ao Império Romano em 256 dC.

### **Ecclesia Basilicalis**

No final do Século IIIº e início do século IVº, superadas as perseguições aos cristãos com a promulgação do Edito de Milão pelo Imperador Constantino, surgiu a definitiva fase solene dos espaços maiores. Começaram a ser usadas as basílicas reais que eram prédios públicos amplos destinados para reuniões, para o comércio e para as sessões do judiciário. Elas foram adaptadas para o uso litúrgico e “dedicadas” ao culto. Era forte a referência aos mártires. Assim voltou a idéia de um “templo” em substituição à “casa da comunidade”. As basílicas adaptadas e depois construídas especificamente para o culto foram concebidas para engrandecer a glória de Deus e dar espaço a crescente frequência de fiéis.

Posteriormente começaram a ser ricamente ornamentadas com peças de mármore, cortinas suntuosas, com lampadários pendurados em correntes de prata. No fundo, na ábside (espaço arredondado do fundo do santuário) era colocada uma grande cruz ou a imagem do “Cristo Pantocrator” (Onipotente, Aquele que tudo rege) no meio dos santos. É um ícone da tradição Oriental. A liturgia da terra anuncia e realiza antecipadamente a dos céus. O Cristo que ensina e prega ao povo, que o reúne para a ceia eucarística, é o que foi imolado na cruz, mas é também o Cristo da Páscoa e da Ascensão, o Senhor da história, o princípio e o fim de tudo. O conjunto da decoração anuncia o caráter escatológico da liturgia. Posteriormente outros estilos arquitetônicos grandiosos foram usados na construção de grandes catedrais, basílicas e templos que até hoje podem ser visitados no mundo. Conforme a época em estilo românico, gótico, neo-gótico, colonial, barroco e até chegarmos a arquitetura moderna contemporânea.

### 3. VISÃO TEOLÓGICA DO ESPAÇO LITÚRGICO

A cada época da história, o tipo de edificação revela a maneira de ser e do pensar teológico da Igreja. Na Idade Média, as catedrais góticas criam um presbitério maior, com amplo espaço para o coro dos monges que oram o Ofício Divino. Em lugar do Cristo ressuscitado, é o crucificado que ocupa o centro da liturgia. O povo já não tem mais participação ativa e busca as criptas onde se encontram as relíquias dos mártires para sua oração. Na época da contra Reforma, a Igreja Católica Romana quis afirmar-se contra as Igrejas Protestantes; então, suas igrejas se caracterizam pelo pomposo estilo barroco e o centro é não mais o altar, mas o Tabernáculo (Sacrário), insistindo na presença real de Jesus Cristo na hóstia consagrada.

No início do século XX surgem as igrejas em arquitetura neo-romanas e neogóticas que representam uma espécie de refúgio no passado, por não conseguirem situar-se no mundo industrial. Igrejas estas que ainda mantêm a assembléia dos fiéis como expectadora, e não como participante plena da ação litúrgica. Hoje as igrejas “modernas”, buscando acompanhar os ventos democráticos, querem funcionalidade e pretendem facilitar a participação.

A tendência hoje é um acento forte na participação. Há, por outro lado uma “volta às fontes”, restabelecendo a centralidade do Cristo Ressuscitado e do Altar-Mesa, como símbolo da presença do Cristo. Assim sendo o Sacrário (Tabernáculo) é retirado do centro e colocado em uma capela lateral. Teologicamente, o Povo de Deus, como o foi desde o início, é de novo considerado como sujeito da liturgia e coloca-se em círculo ao redor do altar. A Igreja hoje volta a ser a “casa da comunidade”, para o encontro com o Cristo Ressuscitado e, para, com Ele, passar da morte para a vida. Cada vez as nossas igrejas antigas são adaptadas às novas exigências teológico-litúrgicas. Preservando, no entanto, o seu valor histórico-artístico. A ênfase não é só uma questão de funcionalidade arquitetônica, mas também no simbolismo capaz de traduzir o “mistério celebrado”. O simbolismo está presente em tudo, desde a forma da construção e os materiais utilizados, até as peças mais importantes como o Altar, o Ambão (atril), a Cadeira do celebrante e dos auxiliares litúrgicos, a Nave, a Pia batismal, ou ainda o Círio pascal e os Ícones e Imagens.

A igreja/construção é para ser um sinal de Deus e de seu Reino no contexto social e cultural onde a comunidade está inserida. É para ser sinal de comunhão em Jesus Cristo Ressuscitado e no Espírito Santo que dá vida, sinal da nova humanidade, que queremos ser, na fraternidade, na solidariedade, na justiça e na paz. Mas é bom lembrar que a igreja de pedra, assim como a igreja-povo, é provisória; aponta para o futuro, para a assembléia definitiva de todos os povos na casa do Pai.

Nenhuma construção deve impedir a Igreja de caminhar, de ser missionária, de andar pelos caminhos da história. Pois não temos morada definitiva e somos discípulos e discípulas do Filho de Deus, que não tinha onde encostar a cabeça ( Mateus 8.20).

Teologicamente as igrejas cristãs não são propriamente “templos”, “Casa de Deus”, “habitação da Divindade”. Seria melhor afirmar que a Igreja é a casa da Comunidade, que – ela sim – é a casa de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo. Assim sendo, a igreja-construção é um símbolo da Igreja-Comunidade, expressa o seu sentido para a própria comunidade e para a vizinhança do bairro, da cidade ou da região.

Hoje, cada vez mais a igreja tem sido considerada casa das comunidades; seu centro é o Altar, símbolo de Cristo, lugar da celebração Eucarística, memória da morte e ressurreição do Senhor. Ao qual se agregam tres outras referências à presença do Cristo ressuscitado que são o Atril (estante da Palavra ou ambão) e a Cadeira do Celebrante (Presidente) e o Espaço da Comunidade reunida.

A Igreja pede a participação plena, ativa e consciente de toda a comunidade nas celebrações litúrgicas porque ele é exigida pela natureza da própria liturgia e porque a comunidade dois fiéis têm o direito e a obrigação de exercê-la em virtude do seu Batismo. Os espaços litúrgicos serão adequados ou não, conforme a sua capacidade de fomentar essa participação. A comunidade que constrói um templo o faz com nível de participação que já tem ou quer ter. Junto com a construção, ele erige atitudes sobre a participação através dos anos.

Como vimos, a perspectiva histórica demonstra que a comunidade nascente teve uma participação maior na celebração litúrgica e que, depois, no decorrer dos séculos, essa participação foi se reduzindo pouco a pouco. O resultado desta tendência antes do Movimento Litúrgico Moderno era uma liturgia exercida por um pequeno número de clérigos, uma situação que pôs a assembléia dos fiéis numa posição de expectadores. O século XX foi testemunha de uma mudança e de um desejo de voltar à participação anterior, o que se está conseguindo pela renovação litúrgica que ainda acontece.

O espaço litúrgico é na realidade um conjunto de diferentes espaços que formam uma unidade. O espaço para reunir-se proporciona um primeiro contato para os irmãos em Cristo, que se reencontram depois de um período de separação semanal. Nesse ambiente fraternal e de acolhimento, antecipa-se a ação celebrativa em que muitas pessoas formam um corpo de Cristo, a Igreja. O espaço da assembléia na “**nave**” da Igreja é a reunião por excelência em que a celebração litúrgica vem a ser exercida por toda a assembléia, cada um segundo seu dom e sua função. Toda a assembléia é litúrgica e o edifício em si assume forma de acordo com ação desse corpo. Esse espaço tem o propósito primário de oferecer um lugar para a celebração eficaz da liturgia. Ele deve ser imagem da assembléia reunida, favorecer a perfeita execução de cada um dos ministros e permitir a participação plena, ativa e consciente dos fiéis. Qualquer outro propósito do edifício é secundário.

O espaço conhecido por nós como Presbitério é a área que contém os três focos de atenção importantes, dando sentido à assembléia dos fiéis. O “**Altar**” é o lugar do sacramento que se encontra idealmente no âmbito da assembléia, com assentos em três lados do altar para que todos possam tornar suas as orações e ações do Celebrante ou Presidente da assembléia litúrgica. O “**Atril**” ( Ambão ou Estante Bíblica) serve como a fonte da proclamação da Palavra de Deus que continua a anunciar a redenção de Cristo e seu mistério pascal que se realizará no altar. A “**Cadeira do Celebrante**” (Sede), que agora assume um simbolismo próprio, significa a presidência e a presença de Cristo dirigindo a Oração, marcando o começo e o final, pregando a Palavra e distribuindo o corpo e o sangue do Senhor com as próprias mãos.

A arte litúrgica encontrada nos espaços celebrativos assume formas diversas: pintura (ícones), escultura (imagens), mosaico, vitrais, cores, cruces, etc. Trata-se de obras de arte completas em si mesmas. Mas a arte litúrgica não se limita a isso, incluindo o mobiliário litúrgico: o altar, o atril, a

sede, a pia batismal. Inclui também o prédio em si, ao lado de todo o ambiente exterior com seu projeto paisagístico e o ambiente interior com o conjunto de todos os objetos que ali se encontram, formando um equilíbrio e uma composição artística em harmonia.

#### 4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão mistérica (mistagógica) e transcendental do prédio da igreja deve manifestar a igreja como: o lugar da nova criação, a nova Jerusalém. O lugar do ser humano novo e de Cristo que se fez carne e armou entre nós a sua tenda, do corpo de Cristo com os seus membros, que em parte estão a serviço uns dos outros. A Casa do Pai dos céus, que aí acolhe seus filhos e filhas, os alimenta com o pão da Palavra e da Eucaristia, onde a assembléia dos fiéis e cada um podem conversar com Ele, louvá-lo com cânticos, mas também orar e meditar em silêncio e recolhimento. O lugar de celebrar o domingo, nossa páscoa semanal e outras festas litúrgicas. Um lugar de descansar e recuperação das forças.

A igreja de cimento ou de madeira que entramos para participar da Liturgia eterna é, com efeito, um espaço de nosso mundo, mas a sua novidade está em ser um espaço aberto pela ressurreição. Não um espaço platonicamente simbólico de um universo abstrato, mas um espaço realmente habitado por um mundo libertado da morte. É aí que celebramos a Liturgia. Realizando o mistério do corpo de Cristo. Ora, o lugar da celebração é o lugar onde se cumpre e promessa da morada. O mesmo lugar, em sua materialidade sensível, é aquele onde o Cristo cumpre sua promessa e satisfaz a expectativa das pessoas: a Casa do Pai (Jo 14.2) nos é aberta neste espaço sacramental. O segundo Concílio de Nicéia nos diz a propósito do ícone de Cristo: “No mesmo Cristo contemplamos, simultaneamente, o indizível e o representado”. (6º Sessão XIII 244 B.). Ora, “que vem a ser a Igreja, como espaço sacramental, senão o ícone do corpo de Cristo, do Cristo total”? (Santo Agostinho). Por ser esse espaço sacramental é que a igreja manifesta a Igreja. Ele é transfigurado.

O espaço sacramental só pode ser apreendido na visão da fé. Esta visão é centrada. Não somente no Cristo Ressuscitado, sob o sinal do Pantocrator ou da cruz, mas pelo próprio sinal do seu “não lugar para a morte”: seu túmulo. O altar é o ponto de convergência de todas as linhas deste espaço. Partindo daí é que o espaço da igreja vem a ser sacramental. O altar significa que o corpo de Cristo não está mais aqui ou ali como num lugar mortal, mas que ressuscitou e tudo invade com a sua presença.

A igreja não é um lugar sagrado no sentido das casas de culto construídas pelas religiões em busca da divindade. O espaço iconográfico de nossas igrejas é um espaço aberto ao Senhor que vem, espaço em expectativa e cumulado, espaço portador do mundo e atraído pelo reino, lugar da epiclese do Espírito Santo e da transformação de toda a oferenda no corpo de Cristo.

Todo o ser humano carrega consigo o sonho de uma casa. Para nosso Deus não se trata mais de um sonho; é uma promessa e, em Jesus, a realidade. Quando construímos uma igreja, trazemos em nós este desejo: uma casa para Ele e para nós. Confirma-se para nós a profecia de Natã a Davi: “É o Senhor que te edificará uma casa”. ( 2º Samuel 7).

A casa sempre foi sentida pelo ser humano como um prolongamento do seu corpo, como um segundo espaço da sua pessoa, após as roupas. A casa humaniza o espaço, torna-se habitável, personaliza-o, a ponto de a arquitetura das primeiras habitações acompanhar o corpo humano. Em Jesus Cristo, Deus realiza esta maravilha, excedendo qualquer expectativa: torna-nos morada sua, tomando forma do corpo do seu Filho. Essa configuração é visivelmente expressa nas igrejas cruciformes; quando o povo de Deus aí se reúne toma a forma de Cristo ressuscitado, vencedor da morte.

O espaço de uma casa aguarda a presença dos seus habitantes e é sinal da qualidade da sua presença. O espaço sacramental de uma igreja comporta uma espera totalmente nova. Além da assembléia que celebra, abre-se para todos aqueles que ali não estão e ainda ignoram ser o corpo de Cristo sua verdadeira morada. Sinal de Deus Pai que espera e do Santo Espírito que chama, esse espaço também o é de uma presença que é dom gratuito, partilha, alegria e paz.

Este espaço é sacramental por ser mediador. Sinal portador do universo novo que vem a nós e nos atrai, exprime também a nossa resposta, nossa cooperação de fé à energia do Espírito Santo. Em toda a casa humana, o espaço é mediador de presença; lá, cada um pode ser ele mesmo, ouvir, falar, ver os seus queridos e por eles ser reconhecido.

Na casa de Deus, é graças a este espaço totalmente novo que podemos, em mútua comunhão, ser nós mesmos na verdade do coração, ouvir a Palavra salvadora, contemplá-la e sermos acolhidos por ela. O silêncio do coração, é a nossa resposta à Palavra que nos transforma, silêncio dos olhos, é nossa oferta à luz que nos transfigura.

Podemos sair da igreja e deixar o espaço sacramental; não deixaremos, contudo, o Cordeiro que é o nosso Templo no Espírito. Permanecendo nele e Ele em nós, estaremos vivendo a Liturgia.

Há muitas possibilidades de harmonizar os diferentes pontos de vista para se chegar o mais próximo possível de um espaço litúrgico ideal. Mas não devemos ter ilusões! O espaço plenamente satisfatório, perfeito sob todos os pontos de vista, não existe e nunca existirá nesta terra. Mas temos e podemos ter sempre igrejas que ajudam eficazmente aqueles que nelas celebram e oram, a mergulhar cada vez mais profundamente no mistério de Cristo.

## 5) BIBLIOGRAFIA

1. DAVIES, J.G., A New Dictionary of Liturgy and Worship, Londres, SCM Press, 1986
2. MARASCHIN, Jaci C. A Beleza da Santidade – ensaios de liturgia, São Paulo, ASTE, 1996.
3. SARTORE, Domenico E TRIACCA, Achile (org.), Dicionário de Liturgia, São Paulo, Edições Paulinas, 1992.
4. GOUGH, Michael. Os Primitivos Cristãos, Lisboa, Editorial Verbo, 1969
5. MACHADO, Regina Celi de Albuquerque, O Espaço da celebração: mesa, ambão e outras peças, São Paulo, Edições Paulinas, 2001
6. SILVA, José Ariovaldo da, Os Elementos Fundamentais do Espaço Litúrgico para celebração da Missa (Sentido religioso e orientações pastorais), São Paulo, Paulus, 2007.
7. MACHADO, Regina Celi Albuquerque, O Local da Celebração-Arquitetura e Liturgia, São Paulo, Edições Paulinas, 2001
8. SEASOLTZ, Kevin R., Sacred Space, The Arts and Theology: some light from history. in Worship Magazine, Volume 82, Number 6, November 2008, Collegetown, Minnesota
9. AUGÉ, Matias. Liturgia- História, Celebração, Teologia e Espiritualidade, São Paulo, AM Edições, 1992
10. CARPANEDO, Penha. Mistagogia do Espaço Litúrgico, in Revista de Liturgia, Ano 35, nº 295, Janeiro de 2008, São Paulo.
11. MORAES, Francisco Figueiredo. O Espaço do Culto à Imagem da Igreja, São Paulo, Edições Loyola, 2009.
12. MACHADO, Regina. O Centro do Espaço Litúrgico, in revista de Liturgia, nº 207, Maio/Junho 2008, São Paulo.
13. BECKHAUSER, Frei Alberto. Os Fundamentos da Sagrada Liturgia, Petrópolis, Editora Vozes, 2004
14. LUTZ, Gregório. Símbolos na Liturgia, in Revista de Liturgia, Ano 8, nº 48, Novembro/Dezembro 1961, São Paulo
15. PASTRO, Claudio. Arte Sacra- O Espaço Sagrado Hoje. São Paulo, Loyola, 1993.

16. TUCKER, Karen B. N. & WAINRIGHT, Geoffrey. The Oxford History of The Christian Worship, New York, Oxford University Press, 2005.
17. WHITE, James F. A Brief History of Christian Worship, Nashville, Abingdon Press, 1993.
18. BECKER, Udo. Dicionário de Símbolos, São Paulo, Paulus, 1990.
19. HEINZ-MOHR, Gerd. Dicionário de Símbolos:Imagens e Sinais da Arte Cristã, São Paulo, Paulus, 1999
20. RICHTER, Klemens. The Meaning of the Sacramentals Symbols, Collegeville, The Liturgical Press, 1990
21. LEBON, Jean., Para Viver a Liturgia, São Paulo, Edições Loyola, 1993.
22. POCKNEE, Cyril E. The Parson's Handbook (The Work of Percy Dearmer), Londres, Oxford University Press, 1965
23. LAMBURN, E. C. R. Ritual Notes – A Guide to the Rites and Ceremonies. Londres, W. Knott and Son Ltd., 1964.
24. SENN, Frank C. The People's Work – A Social History of the Liturgy. Minneapolis, Fortress Press, 2006
25. CHUPUNGCO, Anscar J. Inculturação Litúrgica – Sacramentais, Religiosidade e Catequese, São Paulo, Paulus 2008
26. LYMAN, Rebecca. Early Christian Traditions. Cambridge, Cowley Publications, 1999.
27. FISCHER, Balthasar. Sinais, Palavras e Gestos na Liturgia. São Paulo, Edições Paulinas, 2003.
28. BECKHAUSER, Frei Alberto. Vida Pascal Cristã e seus Símbolos, Petrópolis, Editora Vozes, 2006.
29. LESAGE, Robert. Vestes e Objetos Litúrgicos, São Paulo, Editora Flamboyant, 1959.
30. LEROY, Alfred. Nascimento da Arte Cristã – do Início ao Ano Mil. São Paulo, Editora Flamboyant, 1960.